

Interseções de Violência e Exclusão em *Diário de Bitita e Piel de Mujer*

*Intercersiones de la violencia y exclusión en
Diário de Bitita y Piel de Mujer*

Alessandra Corrêa de Souza*

Resumo: O presente artigo é um recorte da pesquisa de doutoramento em literaturas hispânicas no departamento de letras neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O título da tese em andamento é Violência e Exclusão em Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus e Piel de Mujer de Delia Zamudio. Nesse estudo busca-se um diálogo profícuo entre as obras literárias supracitadas, são analisadas as semelhanças e as diferenças nas narrativas autobiográficas e como o elo entre o narrador, a personagem e a autora estão relacionados para problematizar a violência e a exclusão a determinados grupos étnicos no Brasil e no Peru.

Palavras-Chave: literatura afro-brasileira, literatura afro-peruana, violência simbólica.

Resumen: *El presente artículo es un recorte de la investigación de doctoramiento en literaturas hispánicas en el departamento de Letras Neolatinas de la Universidade Federal de Rio de Janeiro. El título de la tesis en andamiento*

* PPGLeN – UFRJ/UFS

es Violencia y Exclusión en Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus y Piel de Mujer, de Delia Zamudio. En ese estudio buscarse un diálogo proficuo entre las obras literarias supra citadas, son analizadas as semejanzas y las diferencias en las narrativas autobiográficas y como el ele entre el narrador, la personaje y la autora están relacionados para problematizar la violencia y la exclusión a determinados grupos étnicos en Brasil y Peru.

Palabras-clave: *literatura afrobrasileiña, literatura afroperuana, violencia simbólica.*

Schollhammer, em *Cena do Crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo* (2013), estabelece a fronteira do que pode ou não ser dito em relação ao mencionado no título de seu ensaio: violência e realismo no Brasil contemporâneo, sobretudo o papel da literatura nos dias atuais. As representações literárias são importantes para discutir conceitos como violência e exclusão e como o passado e o presente dialogam nas obras de Carolina Maria de Jesus e Delia Zamudio. A literatura tem um papel de resignificação¹ e como arte pode ou não representar o real, ela aqui auxilia a rever os papéis sociais que as pessoas exercem na sociedade a partir das narrativas *Diário de Bitita e Piel de Mujer*.

Devemos constatar que a violência representada tanto na mídia quanto na produção cultural deve ser considerada um agente importante nas dinâmicas sociais e culturais brasileiras. Precisamos reconhecer os objetivos estéticos da violência na sua relação com o processo geral de simbolização da realidade social, já que participam de maneira vital e constitutiva desta mesma realidade. (SCHOLLHAMMER, 2013, p.42)

Em *Diário de Bitita*, o narrador autodiegético² delimita como os pobres vivem em Sacramento³ - representa a exclusão e a violência dada aos pobres. No capítulo intitulado “Infância” as lembranças do avô são descritas, o saldo da escravidão, que é a falta da leitura por quase toda população negra e pobre, a tristeza da personagem principal não ter conhecido o seu pai biológico, o papel do homem na sociedade patriarcal e a maneira como delimita a comida, a moradia, as relações étnicas e o par dicotômico: branco e preto. São muitas repetições que até atrapalham a um leitor menos atento. Cabe citar, um exemplo do Diário:

Os pobres moravam num terreno da Câmara: O Patrimônio não tinha água. Mesmo furando o poço eles tinham que andar para carregar água. Nós morávamos num

¹ **Ressignificação** é utilizado como um termo metafórico, visto que a literatura representa o verossímil e nas obras aqui analisadas, se observa que as autoras recriam suas identidades como mulheres negras, marginalizadas pelo discurso hegemônico com o uso da escrita para mostrar como os cidadãos de diversas etnias são vistos e representados no cotidiano.

² Narrador autodiegético, por sua vez, corresponde ao narrador homodiegético que utiliza a primeira pessoa, porque conta sua própria história – portanto, não se distingue do narrador homodiegético, mas o particulariza. Regina Ziberman. Teoria da Literatura I (2012, p.120) Disponível em https://play.google.com/books/reader?id=u1qE42f9foUC&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PA23, acesso em 09 de janeiro de 2016. “Extradiegético-homodiegético, narrador do primeiro nível que conta a sua própria história.” Gérard Genette, Discurso da Narrativa (1988, p.244-247)

³ A cidade de Sacramento é no interior de Minas Gerais. É a cidade natal da autora Carolina Maria de Jesus, é também onde acontecem os fatos históricos e verossímeis da narrativa brasileira aqui analisada.

terreno que o vovô comprou do mestre (...) o vovô dizia que não queria morrer e deixar os seus filhos ao relento. (1986, p.7)

A reflexão de Bourdieu sobre o trabalho de reprodução se faz necessário para melhor compreensão dos papéis sociais da família, da igreja e da escola impostos nas sociedades, assim como as divisões entre o masculino e o feminino representados no discurso hegemônico na voz “inconsciente” da personagem principal em *Diário de Bitita*.

O trabalho de reprodução esteve garantido, até época recente, por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes. É, sem dúvida, a família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculina; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem. (BOURDIEU, 2007, p.103)

Verifica-se que o trecho de *Diário de Bitita* [1986(1982)] de Carolina Maria de Jesus, assim como a *Dominação Masculina* de Pierre Bourdieu (2007) estabelece um diálogo profícuo entre a teoria e o texto literário.

E eu pedi que fizesse eu virar homem. Queria plantar lavouras. Queria ser um homem forte e comprar um Ford. Queria ser igual ao José do Patrocínio, que ajudou a libertar os negros e ainda comprou um Ford. Quando percebi que nem São Benedito, nem o arco-íris, nem as cruces não faziam eu virar homem, fui me resignando e conformando: eu deveria ser sempre mulher. Mas mesmo semiiconformada, eu invejava o meu irmão que era homem. E o meu irmão me invejava por eu ser mulher (DE JESUS, 1986, p.94-95)

Na mesma proporção que se concorda com Bourdieu que os papéis da família, da Igreja e da escola cooperam para a demarcação dos papéis sociais do feminino e do masculino muito bem representado na sociedade patriarcal. Vislumbra-se como uma primeira interpretação essa voz “inconsciente” da personagem principal repetindo o discurso hegemônico que afirma que: os homens são fortes para plantar; são detentores de um poder econômico que podem ser representados pelo capitalismo como possuidores de capital para comprar o que desejar; apenas o gênero masculino fez parte das lutas para a libertação da escravatura; até na escolha do santo para fazer o pedido tem que ser no masculino, Santo Expedito das causas impossíveis; o sincretismo das

religiões africanas com a representação do arco-íris; e por fim, o inconformismo da personagem por não ter sido transformado em seu objeto de desejo.

Visto que ser mulher numa sociedade sexista não é nada interessante para a pequenina representada - na voz narrativa de primeira pessoa enxergar apenas o que lhe apresentaram, ou seja, a hegemonia de um grupo frente ao outro, logo ela não queria fazer parte do eixo menos favorecido que são o das mulheres.

Adichie (2015) propõe que a questão de gênero é muito importante e que os pais precisam repensar a maneira como criam os seus filhos e as filhas para que se tenham homens e mulheres felizes num futuro próximo. O trecho acima destacado reafirma como a educação das crianças tem sido falha. A forma com que se criam os meninos é muito nociva, eles não podem demonstrar medo, pois é sinal de fraqueza e os homens são fortes. Deveria repensar o paradigma de não vincular a masculinidade ao dinheiro. Quanto às meninas, estas são criadas desde muito cedo para atuarem como coadjuvantes do marido ou da figura masculina da casa, não podem demonstrar ambição, sobretudo desejo de Poder. São criadas a aspirar ao casamento, “mas não fazemos o mesmo com os meninos” (Adichie, 2015, p.34)

Já, em *Piel de Mujer*, o narrador autodiegético mostra a saída das personagens: mãe, irmã e Delia de *Chinca* para *Lima* no início do texto literário. A partir desses dados, pode ser verificado como a violência simbólica⁴ é representada pela mãe da personagem principal recolhendo os objetos pessoais e abandonando o marido descrito como mulherengo e isso corrobora para o fim do relacionamento.

Em *Diário de Bitita*, o pai da personagem Carolina é pontuado com os adjetivos bem parecidos aos da narrativa peruana. Como uma possível interpretação - a desestruturação familiar nas duas obras literárias funciona como violência ao gênero feminino, visto que as mães das personagens

⁴ Violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para ver se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto. (Bourdieu, 2007, p.47)

Carolina e Delia irão assumir todas as tarefas de suprir a família sozinha e por tudo exposto até aqui, pode afirmar que a mulher recebe um salário inferior ao homem, sobretudo se essa mulher é negra e pobre. Em suma, ambas tiveram que assumir todas as obrigações econômicas da família e lutam diariamente por ter acesso à alimentação e a um teto para viver.

Cuando apenas tenía ocho meses, mi madre se alejó de mi padre y se vino conmigo y mi hermana mayor a Lima buscar, como tantos provincianos, trabajo y nuevos horizontes (ZAMUDIO, 1995:p.21)

Quanto ao contexto hispano-americano, ocorrem migrações internas e Cornejo Polar (2001) atribui a migração dos serranos para a costa peruana à necessidade de trabalhar e sobreviver. No caso da autora peruana, a saída de *Chincha* para a capital, é semelhante ao destacado por Cornejo Polar.

É importante evitar a perspectiva que faz do migrante um subalterno irremediável, sempre frustrado, repellido e humilhado, imerso num mundo hostil que não compreende nem o compreende, e do discurso, apenas um longo lamento de desenraizado; mas, igualmente, é importante não cair em estereótipos puramente celebrativos: também há migrantes instalados no nicho da pobreza absoluta, onde opera a nostalgia sem remédio, a conversão do passado em utópico paraíso perdido ou o desejo de um retorno talvez impossível (...). (CORNEJO POLAR, 2001, p.303)

É imprescindível compreender as diversas formas de violência como: preconceito, desemprego, desestruturação familiar, educação precária, omissão, desigualdade social, abuso sexual, exploração do trabalho infantil e da mão de obra das diversas personagens delimitadas em *Piel de Mujer* e *Diário de Bitita*.

No capítulo intitulado “Chincha” rememora-se a infância assim como na obra brasileira, o que as diferenciam nesse primeiro momento é que a personagem Carolina tem teto, mora com seu avô, já na obra peruana, são descritas as casas em que a mãe de Delia trabalhava como empregada doméstica e a maneira como foram expulsas dessas onde viviam:

Nos ubicaron en un cuartito. Allí mi madre nos llevaba los alimentos, claro, después de cocinar y del sin fin de quehaceres de la casa, sólo se dedicaba a trabajar y trabajar (...) vivíamos en el cuarto que era para la servidumbre (...) Nos sacó a las doce de la noche, llovía mucho. Mi hermana ya había nacido, la trataba de abrigar porque el frío

era intenso. Recuerdo que mi mamá lloraba, no teníamos dónde dormir. (ZAMUDIO, 1995, p.23)

Em *Diário de Bitita e Piel de Mujer* têm diversas interseções de violência e exclusão, as personagens lutam diariamente contra a fome, contra a exploração da mão de obra tanto na infância como na fase adulta, assédio moral e sexual, entre outros. Sobretudo, o ponto bem significativo, além dos delimitados, é a necessidade da leitura na vida de ambas. Constata-se como uma forma de exclusão, particularmente em *Piel de Mujer* assemelha-se à crueldade.

Estaba cabeceando y planchando y quemé un fustán muy bonito. Creo que la una de la mañana. Ella, para despertarme, me puso a plancha sobre mi mano y luego me pegó cruelmente por haberme quedado dormida. (ZAMUDIO, 1995, p. 40)

As personagens principais aprendem a ler em idades avançadas, são excluídas da escola, ou seja, o papel da leitura é importantíssimo, uma vez que as duas sabem o papel da escrita na sociedade letrada e elas anseiam por pertencer a essa comunidade.

O narrador autodiégetico apresenta a forma como a personagem Delia foi excluída da escola por não ter certidão de nascimento - *para estudiar, yo no tenía partida de nacimiento*. (Zamudio, 1995, p.26). Outro exemplo, era como ela se sentia excluída da própria infância - *he tenido una infancia casi sin juego* (p.31). Percebe-se que a mãe tinha todas as responsabilidades como provedora da casa, pois rompe com a lógica do *capital simbólico*⁵, teve alguns relacionamentos e quando percebia que estes não lhe agregavam valores, saía da ótica do *mercado matrimonial* e acabava grávida e com novos filhos; o narrador autodiegético mostra que a mãe da personagem principal não aceitava a situação que o sistema lhe impusera, abandonava o homem e Delia assumia as responsabilidades que não eram de uma criança - toda a sua infância foi aproveitada para tomar conta dos seus irmãos menores.

Mi mamá me sacaba de la cama para ir a hacer colas de aceite, de carbón y otros. Sentía mucha cólera. Yo tenía nueve años, me sentaba en las colas muriéndome de

⁵ Capital simbólico, cujo dispositivo central é o mercado matrimonial, que estão na base de toda a ordem social: as mulheres só podem aí ser vistas como objetos, ou melhor como símbolos cujo sentido se constitui fora delas e cuja função é contribuir para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens. (BOURDIEU, 2007, p.55)

frío para que ella pueda conseguir el arroz, el azúcar, el aceite, la sal. Siempre estábamos en esa dura y difícil situación. (p.30)

No fragmento abaixo há representação de uma das maneiras como a personagem se sentia excluída, sobretudo no fato de não poder ir à escola, uma vez que a mãe autorizava aos menores o acesso à escola.

Quería aprender a leer, porque mi amiga 'Pichuza', la chica de enfrente, sabía leer y yo no, y porque mis hermanos pequeños también sabían leer. Es más llegó un momento muy duro, cuando mi hermana, que ya sabía leer y estaba en tercer año de primaria me decía: 'esta negra es bien bruta'. Eso me causó mucha tristeza. (p.32)

O desejo de Delia era tão forte para aprender a ler que foi morar com a sua madrinha de consideração. Esta a explorava de todas as maneiras possíveis e no final do dia, depois de todas as tarefas concluídas, deixava que a personagem principal fosse à escola no período noturno.

No sé, pero siempre he tenido un sentido rápido, pude darme cuenta de que mi madrina no había pensado en mí como en ser humano, con ese cariño que ella fingía tenerme. Para ella yo era una chica que no le costaba nada. Al llegar a su casa sufrí muy malos tratos, muchos golpes; pero no quería volver a la casa de mi mamá porque, a pesar de todo estaba aprendiendo (p.37)

Já em *Diário de Bitita* se ressalta o papel significativo do masculino em diversas passagens da narrativa, como a *virilidade*⁶, a *violência* e a representação patriarcal de uma sociedade colonizada, em que o homem é o forte e o detentor do poder. Há trechos de intertextualidade com a Guerra do Paraguai, a substituição da mão de obra dos brasileiros pela dos italianos, as migrações estrangeiras e o processo de branqueamento que foi imposto no século XIX e início do XX pelos governos brasileiros.

Fragmentos da narrativa

Tinha hora que eu tinha um medo do mundo! Era quando ouvia os homens falarem nas dificuldades que há para um homem encontrar trabalho. O mundo não é um paraíso

⁶ Se as mulheres, submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante. (BOURDIEU, 2007, p.63.)

para o homem. A guerra do Paraguai foi trágica, os homens matavam-se com canhões e bombas dinamites. p.23)

Eles tiraram o são Benedito da lavoura e colocaram o são Genário. É a mania do brasileiro tem o remédio no país, mas preferem importar da Europa." (p.26)

Em alguns trechos da obra, sobretudo nos recortes da infância, a violência e a virilidade da figura masculina são representadas “*inconscientemente*”, tanto que a personagem Carolina pede a sua mãe para tornar-se homem:

No mato eu vi um homem cortar uma árvore. Fiquei com inveja e decidi ser homem para ter forças. Fui procurar a minha mãe e supliquei-lhe: - mamãe (...) eu quero virar homem. Não gosto de ser mulher! Vamos, mamãe! Faça eu virar homem! (DE JESUS, 1986, p.10)

É percebido no exemplo supracitado que as ideias de Bourdieu (2007) sobre a virilidade e a violência⁷ estão presentes no discurso da personagem, quando essa coloca toda a sua esperança na mudança de gênero, como uma possível solução para resolver os problemas e novamente repete: **“Eu quero virar homem! Eu quero virar homem. Eu quero virar homem.”** (De Jesus, 1986, p.11).

Schollhammer(2013), assim como Piglia(2012) colaboram com a argumentação dessa tese quando enfatizam a realidade, a representação e o papel da literatura nos dias atuais, cabe citar: “a semelhança coloquial não é mais privilégio dos personagens; os narradores assimilam a mesma voz e, juntos, escritor, narrador e personagem forçam a expressão... daquilo que não tem nome, do inarrável, do execrável (...)”(2013, p.162) e é por esse viés que se analisa a narrativa autobiográfica em diversos momentos da obra, levanta temáticas que se faz repensar alguns mitos impostos pela sociedade patriarcal como a força física dos homens, que age diretamente como violência ao gênero feminino.

Já a personagem peruana representa o *execrável* ao gênero feminino com as perseguições, os assédios sexuais tentados/praticados pelo padrasto, pelo primo, pelos patrões, sobretudo pelo seu marido na noite de núpcias de

⁷ Grifo da Autora

uma maneira mais objetiva, pois se observa a sua luta contra esses opressores, enquanto isso, a brasileira entra na lógica de querer ser o outro.

Um recorte de trechos que representam as ações do padrasto:

A veces cuando pasaba cerca de él, me manoseaba y se hacía el zonzo. Siempre me tocaba, trataba de tocarme las piernas. Cuando pasaba y él estaba sentado, alzaba con maña sus rodillas para tocarme las nalgas. Yo lo miraba con cólera.” (ZAMUDIO, 1995, p.45)

Seu primo fingia ter dor de ouvido para se aproximar da personagem Delia e abusá-la sexualmente, assim como o padrasto. Segue o recorte da obra que representa as ações do primo:

En ese entonces tenía mis senos chiquitos, él trataba de morderme con sus labios por encima de la blusa, yo trataba de alejarme. Otras veces, como venganza, le hinchaba la oreja (ZAMUDIO, 1995, p.46)

Dialogando com a citação do primo e do padrasto, retoma-se a uma cena no texto literário em que a sua mãe saiu de casa e o padrasto urinou em um pinico e mandou à personagem principal jogar fora, ela não foi ao quarto com medo do cidadão trancar a porta e conseguir efetivar o ato sexual que tanto almejava, o padrasto ficou com tanta raiva da negação que, quando se aproximou, “me defendí, lo pateé y sobre todo lo arañé como si fuera una gata. Lo golpeé duro, él trató de pegarme también (...)” (Zamudio, 1995, p.46)

Pois bem, nas três passagens supracitadas a personagem encontra elementos para se defender da violência imposta diariamente dentro da sua própria casa. O padrasto, nada satisfeito com a reação de defesa, juntou-se com o primo e ambos deram uma surra tão grande que Delia chegou a desmaiar de tanta dor.

Mi tía me llevó a su cuarto y comenzó a curarme, tenía varias heridas, me habían reventado la piel en varias partes de mi cuerpo con la correa. No sé si los nervios, pero todo eso me produjo fiebre y me desmayé. (p.46)

A partir dos elementos textuais de *Piel de Mujer* constata-se esse *privilegio masculino*⁸ muito arraigado na sociedade e que também se faz presente em *Diário de Bitita* com diversos exemplos de abusos sexuais cometidos pelo filho do juiz nas filhas das empregadas, o avô da Carolina ao espancar a esposa, apenas porque ela lavou a roupa da vizinha para ajudá-lo com as despesas da casa, os homens sempre que podem estão descrevendo as suas relações sexuais com as mulheres em público, nomeando-as, as duas obras estão permeadas de violência de gênero.

Em *Diário de Bitita* - os pobres representam a maneira como viviam em Sacramento e o papel da escravidão e o período pós-abolição que não proporcionou oportunidades para todos, sobretudo o papel da violência que uma determinada parcela da sociedade sofre diariamente. É apresentado, por exemplo, o dia em que a sua mãe foi presa sem motivo algum, apenas por pertencer a esse grupo dos excluídos. Vale citar:

Um dia a minha mãe estava lavando roupa. Pretendia lavá-la depressa para arranjar dinheiro e comprar comida para nós. Os policiais prenderam-na. Fiquei nervosa. Mas não podia dizer nada. Se reclamasse o soldado me batia com chicote de borracha. (p.27)

A situação acima expressa é analisada por Leonardo Boff ao explica que

Estudos sobre a escravidão urbana mostram as raízes de alguns hábitos culturais e policialescos ainda hoje existentes. O escravo urbano era alugado para serviços na rua e vigiado pela polícia no lugar do dono; por causa disso, a polícia comumente desconfia até hoje do negro e aplica-lhe violência quando o prende e o detém. (BOFF, 2004, p.26-27)

Os narradores em *Diário de Bitita e Piel de Mujer* contribuem com os dados citados à argumentação de Boff, os tratamentos cruéis dados aos pés: prostituta, preto e pobre (2004, p.27) - "o grave reside nisso: essa violência histórica, na base da dominação do outro e de sua escravização, formou a subjetividade coletiva de nossas elites." Tanto que na narrativa peruana a violência é representada pela crueldade por parte da madrinha, da professora, sobretudo na casa onde vivia a personagem principal.

⁸ O *privilegio masculino* é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade. (Bourdieu, 2007, p.64)

Si me mandaban a comprar y me demoraba mucho recibía unas tandas. Así, con esas penas, llegué a cumplir catorce años (...) siempre me estaban riñendo. Muchas veces no tenía que ver con los problemas de las otras, pero al final era yo la castigada. Tan cruel era la profesora que me ponía de rodillas sobre chapitas. Tantas veces lo hacía que me dejaban marcadas y lastimadas mis rodillas, incluso a veces me sangraban. (ZAMUDIO, p.39)

O mecanismo de violência social reside, primeiramente, nas estruturas mentais da classe dominante (BOFF, 2004, p.28). Sobretudo no quesito da violência sofrida pelas personagens principais nas narrativas aqui analisadas. Zamudio foi viver com a sua madrinha porque ela precisava de mão de obra barata e como recompensa, deixava a afilhada estudar à noite, mas no final, a retira da escola, pois acreditava que deveria parar, visto que o necessário para ser explorada, já tinha sido aprendido: "Cuando cumplí catorce años mi madrina me retiró del colegio. Decía que ya sabía deletrear y podía ir al mercado a hacer las compras(...)" (Zamudio,p.40)

Um ponto de interseção entre as narrativas é o desejo de estudar e a leitura como recorte de violência. Ambas precisam abortar os estudos na terceira série primária. A primeira porque sua mãe vai morar em outra cidade, a segunda é retirada pela madrinha da escola, pois esta acha que já aprendeu o necessário para as tarefas cotidianas da casa.

Fragmento 1 - *Piel de Mujer*

Además, me dijo que el trabajo en la casa había aumentado. Por eso sólo estudié hasta el tercer año de primaria, a pesar de que yo quería seguir estudiando. Esto me causó resentimiento por eso decidí escaparme de la casa. (ZAMUDIO,1995, p.40)

Fragmento 2 – *Diário de Bitita*

Percebi que os que sabem ler têm mais possibilidades de compreensão (...) a nossa casa não tinha livros. Era uma casa pobre. Eu lia o livro, retirava a síntese. E assim foi duplicando o meu interesse pelos livros. Não mais deixei de ler. (De JESUS, 1986, p.126-127)

A partir da representação da leitura e dos livros na vida das personagens pode levantar algumas hipóteses de como a violência e a exclusão são constantes nas duas narrativas. Por tudo apresentado até agora, constata-se que a personagem Delia só teve acesso à leitura na escola noturna quando saiu da casa da sua mãe e foi viver com a madrinha que a explorava e cometia atos de crueldade, como a exclusão do ambiente das refeições, colocava a menor de idade para trabalhar horas e horas de trabalho sem remuneração, a dita madrinha chega a passar o ferro quente nas mãos da personagem principal porque a empregada cochilou na hora da execução da tarefa exigida.

A personagem Carolina, no trecho a seguir, guarda os livros com tristeza, pois precisou abandonar a escola para viver em outra cidade, os personagens - mãe, padrasto e ela migram para trabalhar em uma fazenda e nesse espaço cultivam alimentos para a sobrevivência, pagam ao fazendeiro tudo que plantam, mas no final das contas, o dono das plantações os expulsa, e eles saem da forma como chegaram, sem nada, sem nenhum ressarcimento pelo tempo trabalhado, e isso é narrado em vários trechos da obra, como as populações subalternas são exploradas diariamente.

Foi com pesar que deixei a escola. Chorei porque faltavam poucos anos para eu receber o meu diploma. Minha mãe encaixotava os nossos utensílios, eu encaixotava os meus livros, a única coisa que eu venerava (DE JESUS, p.128)

Piglia afirma que a literatura diz o porvir, diz como imaginar uma vida possível, um mundo alternativo e que o papel da linguagem e da memória é primordial para delimitar o horror e que não se deve apenas informá-lo, uma vez que “a literatura prova que há acontecimentos que são difíceis, quase impossíveis, de transmitir (...)” (Piglia, 2012, p.2)

Já para Schollhammer

(...)Não investigamos na literatura apenas uma noção reconhecível da realidade tratada, mas uma vivência concreta através da literatura com uma potência transformativa. Abordar o desafio que a representação da condição contemporânea coloca para a literatura brasileira acentua sua especificidade expressiva e ressalta

aquilo que só a literatura faz, o que a diferencia de outras formas discursivas e outras mídias. (SCHOLLHAMMER, p.180-181)

As argumentações supracitadas confirmam a relevância de problematizar a literatura brasileira e a peruana, sobretudo reafirma o recorte dessa investigação que a partir dos textos literários *Diário de Bitita* [1986(1982)] e *Piel de Mujer*(1995) se discutirá a violência e a exclusão de diversos grupos étnicos no Brasil e no Peru.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngogi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

BOFF, Leonardo, 1938. **A voz do arco- íris**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CORNEJO POLAR, Antonio. Unidade, Pluralidade, Totalidade: O Corpus da Literatura Latino- Americana. *In: O condor voa. Literatura e Cultura Latino-americanas*. Org. Mario J. Valdés; tradução Ilka Valle de Carvalho. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

DE JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo – diário de uma favelada**. 8ªed. São Paulo: 2000.

_____. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GENETTE, Gérard. **Discurso da Narrativa**. Coleção Vega Universidade, 1988.

PIGLIA, Ricardo. **Uma proposta para o novo milênio**. Tradução de Marcos Visnadi: Revista Margens/ Márgenes, n.2. Lisboa, Buenos Aires, Janeiro de 2012.

SCHOLHAMMER, Karl Erik. **Cena do Crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo** – 1 ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.340p,;21cm.

ZAMUDIO, Delia. **Piel de Mujer**. Lima: Fovida, 1995.

ZIBERMAN, Regina. **Teoria da Literatura I** (2012, p.120) Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=u1qE42f9foUC&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PA23>, acesso em 09 de janeiro de 2016